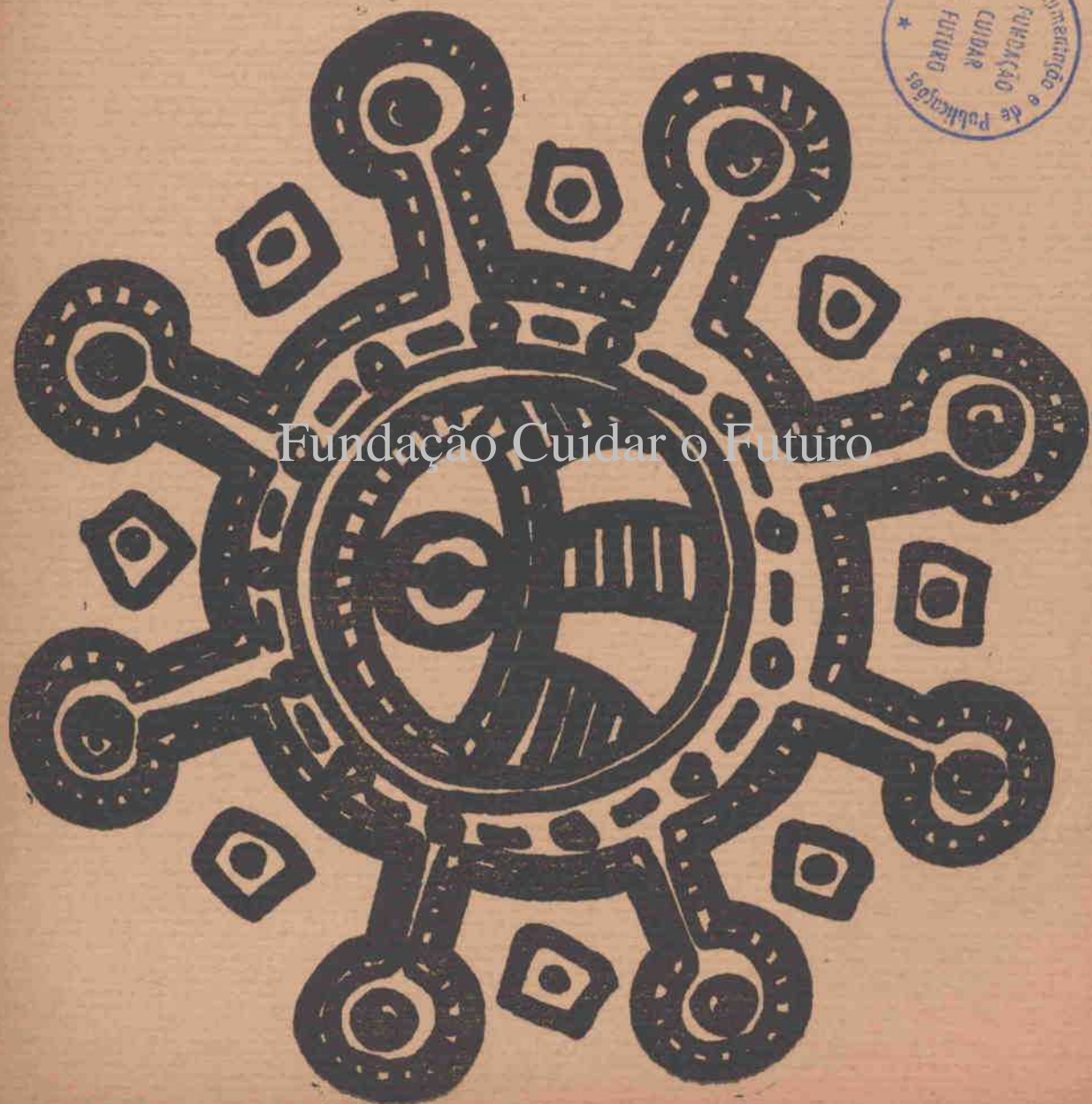


presença



Fundação Cuidar o Futuro

Fundação Cuidar o Futuro



presença

NOVEMBRO DE 1958

Redacção: Av. Duque de Loulé, 90, r. c. D,
LISBOA

EDITADA PELA J. U. C. F.

FILIADA NA PAX ROMANA

sumário

Fundação Cuidar o Futuro

a esperança — a força do tempo

o mistério do natal

uma missão actual

som (cont.)

áfrica — terra de feitiço, terra de
mistério e voz que clama no de-
serto

Pastor Angelicus

la bible et la croissance dans la
vie chretienne

Vlaminck — o fauvismo

Boris Pasternack e o seu ro-
mance o Dr. Jivago

na hora do ensino técnico

ver para pensar : a imprensa e a
morte de Pio XII

ficheiro bibliográfico



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
 FACULDADE DE CIÊNCIAS
 LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA
 LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA
 LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA



o presente — a força do tempo

Fundação Cuidar o Futuro

uma missão actual
 sem cont.
 ética — falta de fé, falta de
 existência e voz que clama no de-
 serto
 Pastor Angelus
 la Bible et la croissance dans la
 vie chrétienne
 Ylminck — o futuro
 Boris Pasternak e o seu ro-
 manço O Dr. Zivago
 na hora do ensino técnico
 ver para pensar e imprensar a
 morte de Pio XII
 biblioteca



Fundação Cuidar o Futuro

*Podem acontecer as ervas
nos caminhos
e ser azul
o fundo dos espaços*

*Pode o mar
abrir risos de espuma
com peixes verdes
em segredos d'água*

*Podem florir todas as madrugadas
e um pássaro
ser prenúncio de festa*

*Porque o dia é verdade
e a Esperança — a força do tempo*

(M. F.)

Le PHÉNIX, Louis Leygue — 1956



o mistério do natal



pintura medieval catalã

Quando os dias se tornam mais curtos e o inverno se faz anunciar pelos primeiros frios intensos, desperta em nós, tímida e doce a lembrança do Natal. Não é fácil resistir ao encanto misterioso desta zcluvia. Mesmo aqueles para quem a velha história do Menino de Belém não tem sentido algum, ateus ou crentes duma outra fé, preparam a festa, deixando-se penetrar pela corrente de amor que nesta época atravessa a terra inteira. Festa de paz e de alegria, o Natal é a Estrela para onde convergem todos os olhares neste primeiro mês de inverno.

Mas para o cristão, e em especial para o católico, o Natal é mais alguma coisa. A Estrela encaminha-o para o Presépio, para junto do Menino que traz a Paz à terra.

No coração dos que vivem com a Igreja, os sinos do Rorate e os cânticos do Advento acordam um desejo santo e ardente, alimentado na Liturgia de cada dia pelas grandes ameaças e promessas do profeta da Incarnação: «Céus, derramai o vosso orvalho! Que das nuvens desça a salvação! O Senhor, vem! Adoremo-lo! Vem, Senhor, não esperes mais! — Jerusalém grita a tua alegria, porque o teu Salvador vem a ti». De 17 a 24 de Dezembro, as grandes Antifonas Ó do Magnificat (Ó Sabedoria, Ó Adonai, Ó Filho da raça de Jessé, Ó chave da cidade de David, Ó Oriente, Ó Rei das Nações), cada vez mais urgentes e poderosas, lançam o seu apelo — «Vem para nos salvar!» E a resposta, sempre mais carregada de promessas, logo se faz ouvir: «Vede, tudo se cumpriu» (último domingo do Advento). E finalmente: «Hoje sabereis que o Senhor vem e amanhã vê-lo-eis aparecer na sua glória».

Todos nós experimentámos já a felicidade da Noite Santa. No entanto, o céu e

a terra ainda não são a mesma coisa... Hoje, como outrora, a Estrela de Belém, brilha numa noite sombria.

Logo no dia a seguir ao Natal, a Igreja depõe as suas festivas vestes brancas e reveste-se de vestes côm de sangue; ao quarto dia os paramentos são róxos, côm de luto. Estevão, o primeiro mártir que seguiu o Senhor na morte, e os Santos Inocentes, crianças de Belém e de Judá decapitadas pelas mãos de cruéis carrascos, reúnem-se à volta do Menino no Presépio, formando o seu séquito. Que significa tudo isto? Onde está a alegria dos exércitos celestes, onde está a alegria silenciosa da Noite Santa, onde está a Paz na terra?»

«Paz na terra aos homens de boa vontade». Mas nem todos são de boa vontade. Quando o Filho do Pai eterno desceu da glória, o poder misterioso do mal envolvia o mundo na noite. As trevas cobriam a terra e Ele veio como a Luz que brilha nas trevas e as trevas não O receberam. Aquelles que O receberam, Ele trouxe a Luz e a Paz: a Paz com o Pai, a Paz com todos os que são também filhos do Pai, a Paz profunda nos corações; mas não a paz com os filhos das trevas. A esses, o Príncipe da Paz não traz a Paz, mas a espada. Para eles, Ele é a pedra de escândalo, contra a qual se erguem as nações. O encanto poético do Menino no Presépio não deve esconder-nos esta verdade pesada e grave.

O mistério da Incarnação e o mistério do mal estão estreitamente ligados. A Luz descida do Céu opõe-se, sombria e lúgubre, a noite do pecado.

O Menino do Presépio estende as mãos e o seu sorriso parece querer dizer já que os lábios de homem pronunciarão mais

tarde: «Vinde a mim, vós todos que sofreis e estais vergados sob o peso da carga». Alguns responderam ao seu chamamento: os pobres pastores que tendo visto nos campos de Belém, o brilho do céu e escutado a mensagem jubilosa do anjo, disseram cheios de confiança: «Vamos a Belém!» e se puseram imediatamente a caminho; os reis que, vindos do longínquo Oriente, seguiram, com a mesma fé simples, a Estrela maravilhosa. Das pequenas mãos do Menino derramou-se sobre eles o orvalho da graça e «eles rejubilaram com uma grande alegria».

Estas mãos dão e exigem ao mesmo tempo. Exigem que os sábios ponham de lado a sua sabedoria e se tornem simples como crianças. Exigem que os reis ofereçam as suas coroas, os seus tesouros, e se humilhem diante do Rei dos reis: exigem que todos aceitem, sem hesitar, a sua parte nas dores e sofrimentos e fadigas que o serviço do Pai exige.

Os que se apêlham à volta do Presépio são os filhos da luz: crianças inocentes; pastores cheios de Fé; reis humildes; Estevão, o discípulo inspirado; João, o apóstolo do amor; todos os que seguiram o apelo do Mestre. Em face deles, na noite sombria do endurecimento e da cegueira, estão os doutores da Lei, que sabendo em que tempo e em que lugar havia de nascer o Salvador, não foram, no entanto, a Belém...

Diante do Menino no Presépio os espíritos dividem-se. Ele é o Rei dos reis, o Mestre da Vida e da Morte. «Segue-me», diz Ele, e quem não é por Ele é contra Ele.

O convite também nos é feito a nós e somos livres de escolher entre a Luz e as trevas.

(Extraído de «Le Mystère de Noel, Edith Stein)



uma missão actual

Atribuem numerosos escritores contemporâneos um carácter vincadamente masculino à civilização em que vivemos (1). Denunciam o exagerado poder da força ou da matéria, a redução do homem ao número, a pulverização da actividade em todas as direcções, a ausência de concreta e vivida solidariedade entre os homens. E, em espantoso unísono, proclamam a necessidade urgente da presença da mulher.

É de facto a nossa época muito diferente dos séculos que a precederam. A gradual evolução que caracterizou no passado o desenvolvimento da humanidade, sucedeu o ritmo vertiginoso de novos conhecimentos e novas técnicas dos últimos 50 anos. Passou-se a viver dos valores, essencialmente masculinos, de *invenção e de progresso*.

Daí nasceram como necessidades inadiáveis e consequências indiscutíveis o deslumbramento pela publicidade, pela acção exterior, pelos grandes empreendimentos, em detrimento das realidades espirituais que são condição de vida. Os imperialismos da ciência ou da força, circunscritos às nações como aos grupos mais restritos, fizeram perder o respeito pela pessoa humana na sua dignidade inviolável de objecto e fim da vida social.

Inevitavelmente o progresso conduziu à formação de grupos em ordem a todas as formas, mesmo as mais subtis, de produção. As grandes organizações industriais e comerciais, as grandes máquinas de administração pública, tornaram cada vez mais afastados da periferia, onde se movimenta o homem normal, os interesses ou objectivos determinantes do grupo. Perdeu-se assim o vínculo entre os homens do mesmo grupo, o carácter humano e vital da força de coesão.

Sem o supremo respeito da pessoa humana e sem a força espiritual que cria

(1) G. von Le Fort, in «La femme éternelle»
Gustavo Corção, in «As fronteiras da Técnica»
P. Gerald Vann, O. P., in «The Water and the Fire».





e estrutura a união entre as pessoas, o grupo deixou de ser *comunidade*.

O apelo à presença da mulher tornou-se então mais premente.

Os sociólogos analisaram a contribuição que a mulher veio trazer aos grupos em que se inseriu e concluíram que «a mulher veio ao encontro do homem para fazer as mesmas coisas; com os mesmos gestos». Afirmaram então que a mulher veio participar nos mesmos erros e construir as mesmas instituições sem esperança para o Homem.

Ainda hoje, nos países altamente industrializados, ela é mais um elo da cadeia de produção, unidade indistinta no meio de uma multidão que afanosamente procura o bem-estar económico. Para além da cortina de ferro, a deformação da sua presença como mulher assume proporções ainda mais absurdas: ela não é só instrumento de produção, transforma-se também em unidade de defesa militar ou de segurança pública.

Não admira, pois, que a presença da mulher nas instituições seja considerada ilusória.

A sua presença só é real quando na plena consciência da vocação a que é chamada e na serena realização da missão que lhe cabe *como mulher*.

O apelo que vem do mundo é uma exigência dessa presença autenticamente feminina. Por ela, os grupos humanos,

construídos muitas vezes à base da injustiça, da competição, da indiferença ou mesmo do ódio, poderão transformar-se em comunidades vivas, imagens e participação da comunidade perfeita que é a Igreja.

Tem esse apelo dois sentidos: um que é o reconhecimento implícito da missão específica que à mulher cabe; outro, que resulta das tendências actuais das instituições nos nossos dias.

A mulher está profundamente ligada aos valores humanos na vida social. Um estudo cuidado da vocação da mulher permite-nos definir como um aspecto fundamental da sua missão *a salvaguarda da dignidade da pessoa humana* ⁽¹⁾.

Na ordem psicológica, é fácil verificar que, mais do que a mulher, o homem é capaz de se prender às coisas e de encontrar nelas motivo de interesse e realização pessoal. A mulher, mesmo quando familiarizada com as coisas (sejam os números, as fórmulas ou as células) não fica nelas, antes sente a necessidade de «alguém» que lhe justifique a acção. É o ser humano que a interessa e é para ele que convergem pensamento e actividades.

Exige também a natureza da mulher uma constante unificação interior. Está

(1) Edith Stein, in «La femme et sa destinée»



toda inteira em tudo quanto faz. A sua atitude é sempre global. Se a motivação do seu «agir» tem de residir no ser humano, é-lhe difícil parcelar-se num «fazer» em que só indirectamente o humano está presente. Por isso tenderá sempre a pôr em relevo o cuidado pela pessoa humana e, por essa atitude, trará, mesmo aos grupos mais ligados a «coisas», o calor da vida autêntica e o sopro dos valores do espírito.

A mulher mergulha mais profundamente na vida do que o homem — o mistério da maternidade dá-lhe a noção vivida, existencial de que cada ser humano é único e insubstituível no plano de Deus. Participando de forma especial na criação — ao dar-lhe parte de si mesma, adquire a noção do valor de cada gestação e do milagre que a precede. Sabe em que fundas zonas de vida se criam novas vidas e isso dá-lhe um imenso respeito a traduzir-se em ternura por cada ser, só porque existe.

Não se atém unicamente ao que vê; penetra além da realidade sensível, procurando descobrir as possibilidades de cada alma humana. A mulher não ama por causa do poder ou do prestígio ou do dinheiro. Ama pelo que há na pessoa digno de amor. E o que há na pessoa digno de amor é o *ser*, a imagem de Deus que o homem é.

Nesta atitude, a mulher equaciona a sua imensa capacidade de dom. Ao sal-

vaguardar os valores humanos, é essencialmente uma doação generosa que a mulher é chamada a realizar. Às forças centrífugas dos grupos, a mulher opõe a força do amor que unifica, que traz até ao centro. Às tendências egoístas, a mulher opõe a amizade desinteressada, a solicitude alegre, a generosidade que se não cansa.

Cabe-lhe trazer ao mundo a fecundidade do amor: amor atento ao despertar da vida, amor vigilante na presença dos bens maiores, amor incarnado que convida ao diálogo. Diálogo que é ponte para a troca funda. Mistério do dar-e-receber de alma sempre cheia — sinal vivo do amor actuante.

O nosso tempo abre à presença real da mulher perspectivas únicas. Tão singulares que bem pode dizer-se que do ponto de vista social a presença da mulher se reduz a uma questão de oportunidade.

«Precisamente porque a natureza da crise psicológica por que passamos hoje é o que é, a mulher tem uma oportunidade única de remir a situação presente. Se for fiel à sua natureza mais íntima, ela pode apresentar-se com um imenso poder de curar a humanidade, alcançando para si, através de tal tarefa, uma enorme glória» (1).

Maria de Lourdes Pintasilgo

(1) Gerald Vann O. P., in «The Water and the Fire».



(Continuação)

IX

Os Italianos, para indicar se uma música se devia tocar mais depressa ou mais devagar (o seu andamento) habituaram-se a escrever no princípio: depressa (presto), devagar (largo), nem muito depressa nem muito devagar (andante) e outras expressões semelhantes. Mais outro aperfeiçoamento a juntar aos muitos que se têm vindo a operar e a cujos resultados vamos agora assistir.

Cada dia se querem inventar novas formas musicais. Certo dia, são uns Florentinos, que, levados pelo ideal do classicismo, resolvem reconstituir o teatro grego. Mas, em vez de pôr os actores a declamar grego clássico e o coro a cantar módulos gregos, põem a orquestra a tocar e os actores a cantar, tudo música do estilo actual. E surge... a ópera! (representação para ser cantada e acompanhada pela orquestra).

Entretanto, a música religiosa desenvolvia-se a olhos vistos. As vozes multiplicavam-se; em vez da única linha melódica dos monges da Idade-Média, as linhas melódicas passam a sobrepor-se e a combinar-se, constituindo a polifonia (muitos sons). A certa altura descobre-se também que se podem fazer coincidir

no tempo as notas das diferentes melodias. Escreve-se nota contra nota: punctum contra punctum (contraponto).

Por esta altura, toda a Europa se entusiasma com as combinações de vozes. Até a fleumática Inglaterra, e de que maneira!

Faziam-se habilidades curiosas: por exemplo, esta de escrever duas melodias em que a 1.^a frase da 2.^a «encaixasse» com a 2.^a da 1.^a, etc., até vir a última da 2.^a encaixar com a 1.^a da 1.^a. Era assim uma espécie de círculo vicioso, de motu contínuo, a que se deu o nome de «canon» (talvez por tal música estar como que submetida a uma regra...)

Outra habilidade consistia em pôr a mesma melodia em diferentes tons, nas diferentes vozes, desencontrados, dando a impressão de que as melodias andavam atrás umas das outras. A isto chamam «fuga». E havia mais géneros musicais, tanto no campo religioso como profano. Neste, muitas músicas eram destinadas à dança (Passarelle, Chaconne).

A música instrumental desenvolveu-se extraordinariamente, com as facilidades da escrita e os progressos no fabrico dos instrumentos. Por vezes, todos os instrumentos invadiam a Igreja e eram necessárias medidas por parte das autoridades eclesiásticas para evitar abusos.

X

Os séculos entretanto correm e surgem artistas que realizam maravilhas: Palestrina, na música sacra; os dois Scarlatti; os nossos polifonistas do tempo de D. João IV (que era, ele próprio, compo-

tor notável); Cláudio Montverdi, o avô da ópera; Carissimi, Corsi, Peri, Pergolèse... Purcell, na Inglaterra... E dois gigantes: J. S. Bach e Haendel... E ainda o chefe dos violinos na corte de Versailles, Lully, o autor dessa delicada ópera, séc. XVIII, «Les Indes Galantes» (1).

Surgem os grandes clássicos, Mozart e Haydn, cheios de equilíbrio de beleza de estátua grega, mas sabendo também dar a tragédia ao desespero de D. Juan, após uma vã busca de felicidade no prazer pecaminoso (Mozart). Surge o génio de Beethoven, o homem que assimilou a tragédia da filosofia do seu tempo, e que viveu a tragédia da surdez, o homem que lutou com o que, à falta de melhor, chamam destino. O homem que lutou com o demónio do desânimo e do desespero e que, porque apesar do seu isolamento não estava só, ao fim de cada batalha nos grita o canto de alegria e de vitória!

Dá-me vontade de chorar e de rir, ao mesmo tempo, quando oiço a 5.ª ou a 9.ª sinfonia!

XI

Impossível referir-me a todos: Weber, Schumann, Schubert, com tanta poesia e tão diferentes...)

A seu lado, fazia o seu aparecimento uma música mais leve, graciosa, as «Ber-

(1) Por esta época, mais um salto na arte de compor: a combinação dos sons, em vez de horizontal (linhas melódicas que se sobrepõem) passa a ser vertical (acordes que se formam). É o início dos grandes efeitos orquestrais e instrumentais, em geral, que havia de ter o seu apogeu em Beethoven, depois Wagner, Rachmaninow e Honnegger.

gerettes», as «Pastorelas», os amores disfarçados de pastores e pastoras... A dança, a dança arte e espectáculo (diferente também das populares momices de comediantes) ressuscitou igualmente na leveza de Camargo... E, para esta música gentil, escreve-se música também leve e gentil.

Mas o movimento romântico sacode toda a Europa com a exaltação dos ânimos. Liszt, em plena mocidade, triunfa em Paris, com o seu virtuosismo acrobático e as suas composições de conteúdo pouco vago... e ajuda a lançar Chopin, quando este aparece na riqueza expressiva da sua dor docemente triste de exilado doente e amoroso.

Na ópera, vinham-se esboçando duas correntes: a italiana, dominante, cheia de melodias delicadas, e a alemã, que procurava penetrar no segredo das paixões; esta tendência tinha sido afluída por Mozart (D. Juan) e Weber (der Freischutz).

Wagner, o Insuperável, após um ensaio de ópera tipo italiano (Rienzi), lança-se no arrebatamento alemão. A princípio, ainda impuro (Navio Fantasma). Depois, em todo o seu vigor inigualável, que faz estremecer todos os auditórios do mundo. A trilogia e prólogo dos Nibelungen, Tristão e Isolda, Tanhauser, Siegfried, são de tal modo obras mais profundas e arrebatadoras do que tudo quanto se escreveu no género, antes ou depois, que dificilmente lhes caberá o nome de óperas. «Dramas» lhes chamou o seu criador. Quanto a «Parsifal», seria um «sacrilégio» tratar de «ópera» esse «drama místico» que se desenvolve cen-



trado no Santo Graal, no cálice da consagração do Sangue de Cristo na última ceia.

XII

Na Itália, a ópera desenvolvia-se sempre na linha tradicional mais exterior, embora também aqui se tenham produzido páginas de grande beleza. Lembremos Verdi, (principalmente este, e principalmente nas obras finais: Aida e Falstaff) e Puccini. Embora os efeitos sejam, por vezes, um pouco fáceis, o resultado não deixa de nos agradar.

Já anteriormente, contemporâneo de Beethoven, surgira Paganini, que está para a música de violino como Liszt para a de piano: grandes arrebatamentos «fáceis» no conteúdo e difíceis na execução. Claro, a acusação não se aplica a Liszt do fim da vida, ao do S. Francisco sobre as ondas.

No século XIX, o século das contradições, multiplicavam-se os artistas. Ainda não se calavam as melodias de Brahms, já surgira a pleiade de impressionistas, parentes próximos dos seus colegas pintores do mesmo nome e dos poetas sim-

bolistas (de la musique avant toute chose...). Vincent d'Indy, Debussy, Cesar Frank, Ravel, Fauré, Duparc, Chabrier, Chausson, homens de formação diferente, vidas e feitios diferentes, uns mais dedicados à música vocal, outros à música para bailado, outros ainda à música de órgão (Cesar Frank), todos eles se unem pelo mesmo gosto do poético, do descritivo, do esboçado, do sugerido por acordes novos e, de certo modo, tons diferentes (note-se que alguns deles foram influenciados por um novo renascimento do canto gregoriano).

Começa-se também a dar grande atenção à música russa, que entretanto se tinha mais ou menos ignorado e que, aproveitando a polifonia e juntando-lhe (ou modificando-a em) uma harmonia muito própria, produzira os magníficos coros da Igreja ortodoxa. E agora espanta toda a Europa com génios como Glinka, Moussorgsky, Borodine, Tchaikowsky, Rimsky-Korsakow, Sérgio Rachmaninow...

Fiquemos por aqui, por enquanto.

M. A. G.

se soubéssemos olhar...

Se soubéssemos olhar a vida com os olhos de Deus, veríamos que nada é profano no Mundo, mas que, pelo contrário, tudo participa na construção do Reino de Deus. Assim, ter fé não é apenas levantar os olhos a Deus para O contemplar, é também olhar a terra, mas com os olhos de Cristo.

Se deixássemos Cristo penetrar todo o nosso ser, se purificássemos o nosso olhar, o Mundo não seria para nós um obstáculo; seria um eterno convite a trabalhar para o Pai afim de que, em Cristo, o seu reino se estabeleça na terra como no céu.

É preciso pedir a Deus Fé, para olhar a Vida.

(Michel Quoist, in Prières)

á f r i c a

terra de feitiço, terra de mistério e voz que clama no deserto

O feitiço de África não se define nem se traduz. Encontra-se um pouco por toda a parte; apreende-se como tudo o que é invisível, com o coração e alma toda — está na estranha paisagem de imbondeiros — às vezes grotesca, solitária e trágica dos arredores de Luanda; paira por sobre os pântanos do Lobito, para além da formosíssima Restringa, onde pousam delicadamente brancos flamingos e vivem em condições miseráveis inúmeras famílias; respira-se no cheiro forte da floresta de Garangosa; perpassa pelo deserto de Moçâmedes e esconde-se na beleza exótica das suas flores, únicas no mundo — a «welyitchia mirabilis»; é a fragilidade nervosa e ancestrada de lindíssimas gaselas em saltos de insuperável plasticidade e elegância pelos bosques do interior; é luz do crepúsculo e silêncio entre os palmares de Quelimane, tão extensos que só o mar tem o direito de lhes impor limites; é cruzeiro do sul a rasgar no céu rumos desconhecidos; é o encantamento de ter nos braços um bebé negro e passar de mansinho os dedos pela pele acetinada e macia; é a dignidade e aprumo com que os nossos irmãos de cor caminham com passos firmes e cabeça atirada para trás; é a garridice dos panos das mulheres; é a cor de jade translúcido dos mares de coral; é a epopeia escrita estrofe por estrofe em cada uma das pedras da Fortaleza da Ilha de Mo-

Em Setembro passado, os jornais deram a notícia de que estava reunido, em Lourenço Marques, o Congresso da U.M.O.F.C. (União Mundial das Organizações Femininas Católicas) com o tema «A Mulher africana — responsabilidades e formação». Portugal tomou parte activa na preparação e organização do Congresso, tendo-se deslocado a África uma numerosa delegação portuguesa. A Dr.^a Aurora Fonseca foi um dos membros da delegação. Das suas impressões desse seu primeiro encontro com África nos deu este testemunho vibrante.

çambique — pedras levadas da Metrópole a servirem de lastro das naus e erguidas pelo heroísmo de um punhado de portugueses a marcarem uma etapa do caminho e a desafiarem o tempo e a Vida...

O feitiço de África é isto e tudo quanto caiba na nossa capacidade de captar os mil segredos que o entretecem.

* * *

Mas a África não é só feitiço — é mistério.

Um mistério milenário como qualquer coisa que estivesse mergulhada num sono que atravessa todas as idades, mas que se pressente essencial e vital. Mistério que está para além das civilizadas cidades dos brancos, que se desvia dos caminhos desbravados, das rotas abertas e que se esconde para além, sempre mais para além. É como uma madrugada indecisa, um despertar lento de uma profunda letargia. Os que vivem nas cidades, passam ao lado do mistério sem o tocarem, estão surdos para o vago rumor que se avizinha; descansam sobre os sonhos que construíram à margem do mistério e revêem-se



nas obras que ergueram sem contar com ele. *
E talvez que resida neste mistério os dois maiores problemas da África — o problema dos brancos e o problema dos negros.

Dos brancos porque vivem alheados do mistério que os envolve, preferindo desconhecê-lo; dos negros, porque são os únicos a saber até onde a força catalisadora do mistério os pode levar.

Para tentar resolver o problema seria necessário que os homens decidissem estar à altura das responsabilidades desta hora e que ousassem caminhar ao encontro dos homens de outra raça no propósito de os ouvir em sua própria língua, de os entenderem até às raízes da sua alma, de interpretarem os seus anseios, as suas crenças, os seus ritos, as suas estruturas sociais e depois, mas só depois, tentarem sublimar tudo o que eles efectivamente possuem, como valores positivos.

* * *

A África é feitiço, é mistério, mas é também a «voz do que clama no deserto...»

Quando S. S. Pio XII fez ecoar em toda a Cristandade o grito de alarme, de apelo e de esperança na redenção da África, eu ouvi através da Encíclica «Fidei donum» o mesmo grito lançado há vinte séculos: «endireitai os caminhos do Senhor»... Como se muitos caminhos de África, esperassem ainda que passe o cortejo de Cristo e dos seus apóstolos, como se a Boa Nova não tivesse sido anunciada em muitas regiões, como se no coração de muitos — e de muitos que na Metrópole se diziam católicos — estivesse um sepulcro vazio e não um Cristo ressuscitado.

Por isso, o Congresso da U.M.O.F.C. realizado em Lourenço Marques de 24 a 30 de Agosto surgiu na hora mais urgente e foi a resposta a tanta inquietação e a tão profundas necessidades. Já um jornal

da Beira — o Diário de Moçambique — lhe chamou, e com razão, «Pentecostes Africano» e, para mim que o vivi em dor e alegria, em inquietação e amor, foi a mais extraordinária tomada de consciência a que me foi dado assistir. Sentia-se que se alargavam as perspectivas do Reino; que se apreendia, pela primeira vez, as verdadeiras dimensões do «Povo de Deus»; que a mulher em África se encontrava a si mesma, situando-se perante a sua missão que a impelia à defesa das grandes verdades perdidas e violadas e que a levava a assumir o compromisso de lutar pela integridade da dignidade de todas as outras mulheres, pela inviolabilidade e santidade da família, pela difusão de uma autêntica educação cristã, pela moralização dos costumes, pela promoção da mulher indígena, pela salvaguarda da paz entre os homens e as nações.

* * *

Fundação Cuidar o Futuro

Uma das minhas inúmeras recordações da viagem de três meses que fiz por terras de África, faz-me reportar ao último dia de viagem a bordo do «Niassa». Uma equipa de congressistas reunia-se pela última vez antes de desembarcar em Lourenço Marques. Meditávamos a parábola do bom samaritano e descobríamos maravilhados com o P.^o Daniélou que o nosso próximo não era tanto aquele que encontrávamos no caminho como aquele para o qual caminhávamos. De repente, alguém viu naquele homem ferido espinhado, ensanguentado da parábola, a imagem daquela mesma África ao encontro da qual caminhávamos. E foi talvez esta imagem gravando-se fundo em mim que me permitiu sentir o feitiço, pressentir o mistério e vibrar ao som da Voz do que clama no deserto: «endireitai os caminhos do Senhor».

AURORA FONSECA



Passaram as manifestações espetaculares. Calaram-se, finalmente, as notícias ruidosas dos jornais. Ficou o silêncio ao redor de Pio XII. E, no silêncio, ficámos nós, com todos aqueles para quem o Papa não é apenas o chefe de um Estado independente ou um benemérito da Humanidade, ainda que dos maiores. No silêncio e na Fé, estamos nós, os seus filhos, para meditar nas suas palavras e na sua vida.

A morte de Pio XII impõe-nos, forçosamente, uma meditação e exige de nós uma resposta pessoal. «Que fizeste dos talentos que te confiei perguntou o mestre do Evangelho ao seu feitor. A pergunta é para nós.

Que fizemos dos claros ensinamentos do Vigário de Cristo sobre a vida social, sobre o emprego da técnica, sobre os problemas angustiantes da hora presente?

Que fizemos da orientação que traçou no domínio da cultura, do ensino superior, da missão dos universitários?

Que fizemos do caminho apontado acerca das responsabilidades da Mulher em relação à família, à educação, aos costumes, à promoção social, à paz?

Que fizemos das perspectivas abertas no mistério do Corpo Místico, dos Sacramentos, da Vida da Graça da Liturgia?

Que fizemos da sua orientação e incitamento no conhecimento da Palavra de Deus nas Escrituras?

Que fizemos do seu apelo urgente à tarefa missionária «na hora mais missionária da história»?

Que fizemos do Magistério de Pedro?

Que faremos do testemunho eloquente da sua vida?

Que faremos do seu amor desassombrado da Verdade e do seu apego à paz e à justiça?

Que faremos do seu exemplo de abnegação e dádiva generosa de si próprio?

Que faremos do seu testemunho de humildade, pobreza, doçura?

Que faremos da sua vida de santidade?

Esta é a hora do silêncio ao redor de Pio XII. Silêncio que para nós, os seus filhos, é apelo gritante a uma vida mais profundamente revestida de Cristo. Apelo e promessa de ajuda.

Pio XII na glória da visão beatífica rogará ao Pai pela Esposa de Cristo, a Sua Igreja e por cada um de nós, seus membros vivos.

pastor
angelicus



Pio XII e a cultura superior *

«Bem árdua e múltipla é a vossa tarefa: adquirir, alargar, aprofundar, fazer progredir a ciência que é da vossa competência, mantendo-vos ao mesmo tempo a par dos seus contactos e interferências com os outros ramos do saber; e depois, por assim dizer traduzi-la a fim de a pordes ao alcance dos espíritos e que ela seja aceite voluntariamente, assimilada por eles, e sobretudo que lhes seja luz e alimento». (*Alocução a um grupo de professores e estudantes da Missão universitária da França — 16/4/1949*).

«Universidade, observámos, não significa apenas justaposição de faculdades estranhas umas às outras, mas síntese de todos os objectos do saber... E os progressos modernos, as especializações cada vez mais desenvolvidas tornam esta síntese mais necessária do que nunca». (*Carta de Pio XII ao XXII Congresso de Pax Romana de Montreal — 1/9/52*).

«É incontestável que a extensão, indefinidamente crescente, da vida intelectual no múltiplo domínio da especulação, da técnica, da acção civil, política, moral, social, torna absolutamente necessária a especialização, sob pena de dispersar e de tornar estéril o esforço; não justifica, todavia, o isolamento e o exclusivismo que torna o espírito míope e o coração estreito. Mesmo nas vossas especializações respectivas, ganhareis em saber alargar os vossos horizontes. Os objectos particulares de cada ciência, tão diversos nas suas bases, juntam-se no cume na unidade da verdade, da luz. Procurai a verdade, procurai a luz, procurai Cristo e vereis à sua clareza conciliarem-se todos os contrastes, harmonizarem-se todas as dissonâncias, resolverem-se todos os enigmas». (*24/4/1946*).

Estudantes que vos preparais cada um nas vossas Faculdades respectivas, para diversas carreiras,

vereis a peito, estamos certos, não limitar a vossa ambição à conquista de um diploma que vos abra a porta de situações largamente lucrativas; vós elevareis o vosso desejo de conquista à conservação de uma perfeição profissional tal que vos permite gozar um papel útil na sociedade e exercer influência benéfica sobre a vossa geração». (*Março de 1948*).

Pio XII e a vocação feminina

«Toda a mulher, sem excepção, escutai-o bem, tem pois o dever, o estrito dever de consciência, de não ficar ausente, mas de entrar em acção (nas formas e da maneira que convém à condição de cada uma), para conter as correntes que ameaçam a família, para combater as doutrinas que lhe minam os fundamentos, para preparar, organizar e levar a bom termo a sua restauração.

A este motivo imperioso para a mulher católica de se comprometer no caminho hoje aberto à sua actividade, junta-se um outro: a sua dignidade de mulher. Ela deve concorrer com o homem para o bem da cidade no seio da qual está, em dignidade, igual a ele. Ambos têm o direito e o dever de cooperar no bem comum da sociedade e da pátria». (*Discurso às mulheres italianas, 21/10/45*).

«A participação directa, a colaboração efectiva na actividade social e política não altera em nada o carácter próprio da acção normal da mulher. Associada ao homem no domínio das instituições civis, aplicar-se-á principalmente às questões que exigem tacto, delicadeza, instinto maternal em vez de rigidez administrativa.

Quem melhor do que ele poderá compreender o que exige a dignidade da mulher, a integridade e honra da jovem, a protecção e educação da criança? (...) (*Discurso às mulheres italianas, 21/10/45*).



Au coeur de notre ardente jeunesse, une aspiration se fait sentir: une aspiration à une vie chrétienne simple, vraie, authentique.

Il y a des chrétiens qui prennent volontiers des airs dévots, voire un peu tristes. On pourrait leur citer cette parole de Bernanos: «le contraire d'un peuple chrétien, c'est un peuple triste, un peuple de vieux.»

D'autres se contentent de pratiques pieuses, de quelques actes de charité et après les avoir accomplis, ils croient avoir fait tout leur devoir. Leur religion demeure formaliste et cache mal un horizon limité et un effroyable égoïsme.

Quelque chose en nous s'insurge contre ces contrefaçons du christianisme et nous cherchons, avec une certaine angoisse, la voie vers une VIE qui soit tout imprégnée, imbibée de christianisme. Il nous faut ETRE chrétiens, PENSER en chrétiens, AGIR en chrétiens. Bien plus, il nous faut le DEVENIR chaque jour davantage.

En tant que chrétiens, tous nous sommes embarqués dans une même merveilleuse aventure d'amour.

Dieu nous a aimés, et dans son amour, Il a décidé que nous serions non seulement ses créatures mais ses enfants. Le Christ Jésus s'est fait l'un de nous, sans cesser d'être Dieu afin de nous apporter cette vie divine et de nous entraîner à sa suite.

Voilà ce qu'est le christianisme. Il est l'amour de Dieu qui vient prendre possession de notre âme; il est le Christ qui vit en nous et veut y croître:

Ce don premier reçu en germe au

la bible et la croissance dans la vie chrétienne⁽¹⁾

pela Madre Gabriel Marie O.S.B.

baptême n'est qu'un point de départ et l'histoire de notre vie chrétienne sera celle de la croissance en nous de ce Royaume de Dieu que le Christ est venu établir parmi les hommes c-a-d d'abord dans notre coeur.

Cette croissance en nous de la vie chrétienne s'opère par les sacrements surtout par la communion au Christ «Pain de vie».

Pourtant, qui d'entre nous ne s'est pas posé un jour cette question? Pourquoi l'amour de Dieu reste-t-il si froid, si endormi dans nos coeurs de chrétiens? Notre vie chrétienne est-elle une réalité?

La réponse est facile. Il manque à la croissance de notre vie chrétienne un élément essentiel, vital lui aussi. Nous communions au Christ dans ses sacrements: nous ne communions pas assez au Christ dans sa Parole, dans l'Écriture. Là, pourtant, nous puiserions la connaissance qui donne la vie.

⁽¹⁾ Nota da Redacção

Quando pedimos este artigo à Madre Gabriel Marie, pensávamos publicá-lo em tradução; mas, perante o estilo tão pessoal em que foi feito, receamos com a tradução fazer diminuir o seu valor de testemunho vivo e profundo do que é uma vida cristã alimentada na Palavra das Escrituras. Por isso, o publicamos no original.



«Mon peuple périt faute de Connaissance» (Osée IV.6)

«Il y a une faim dans le pays non pas une faim de pain ni une soif d'eau mais d'entendre la Parole de Dieu»

Amos VIII, 11

La Bible contient dit St Jean Chrysostome «la lettre que le Père Céleste nous écrit tandis que nous cheminons loin de Lui». Chose incroyable! Ce Dieu qui, à nos coeurs engourdis, paraît si inaccessible et lointain, nous a parlé et nous parle encore puisque son message est arrivé jusqu'à nous.

Son message, c'est son plan, son dessein d'amour sur l'humanité, sur chacun de nous. Ce plan se déroule tout au long de l'histoire de l'humanité. Il début par la création du monde, par ces premiers mots de la Genèse: «In principio» et se clôt par l'Amen Alleluia que chantera toute l'humanité groupée autour du trône de Dieu. Grandiose vision que nous fait entrevoir l'Apocalypse.

Entre ces deux périodes, s'insèrent, dans des livres très divers qui apparemment présentent peu d'unité, les longs siècles de l'histoire du monde. L'ANCIEN TESTAMENT pendant lequel Dieu forme peu à peu les hommes, les prépare à recevoir le message de son Fils Jésus. Période de formation progressive: l'homme prend conscience de lui même, de sa faiblesse et appelle de tous ses voeux Celui qui doit être la Lumière et le Sauveur du monde.

Puis, le Nouveau TESTAMENT; la vie dans le temps du Verbe fait chair qui

par son message bouleversant, sa vie, sa mort et sa résurrection est venu arracher l'homme à lui même et l'élever jusqu'à Dieu. Pages sublimes d'Évangile devant lesquelles il nous faut apprendre à nous étonner parce que nous en découvrons la profondeur. Saint Paul ensuite, achève de nous éclairer sur la richesse du mystère du Christ, sur sa vie qui se poursuit en nous dans l'Église, Corps mystique du Christ. Enfin St Jean nous transporte dans l'au delà, quand toutes choses auront pris fin et que «Dieu sera tout en tous».

Tout vient de Dieu et converge vers le Christ, puis part du Christ pour remonter avec le Christ vers Dieu jusqu'à l'heure où le Christ remettra le Royaume à son Père.

Et que nous le voulions ou non, nous sommes entraînés dans ce courant... c'est notre histoire. Nous y découvrons notre origine, notre raison d'être, notre rôle ici-bas, notre destinée.

Merveilleuses pages pour qui sait les lire, les scruter. A tous, il est vrai, elles ne livrent pas leurs secrets cachés parfois sous une écorce un peu rude. Il faut les aborder avec le «coeur» le coeur au sens biblique dont est assez proche le sens pascalien, c-a-d, l'homme avec tout lui-même. Il faut les lire aussi avec persévérance sans se lasser, chaque jour, comme on se nourrit du pain quotidien.

«L'homme ne se nourrit pas seulement de pain mais de toute parole qui sort de la bouche de Dieu»

Quelle source de vie, d'enthousiasme

(Continua na página 23)

ARTES

vlaminck — o fauvismo

Tem-se definido o fauvismo como uma «escola», como uma simples derivante do impressionismo ou como uma pintura com preocupações meramente decorativas.

Das muitas correntes da Arte Moderna, o fauvismo foi daquelas que talvez tivesse um carácter pròpriamente mais prático que teórico, e embora tivesse uma curta duração, isso não implica que, na evolução na pintura, não tenha tido uma importância decisiva.

Recebendo do impressionismo a ausência do claro-escuro e, por vezes, a de valores de construção, o fauvismo recebendo toda uma herança de Van Gogh, opõe-se ao impressionismo ao reagir contra o naturalismo.

O artista não se subordina à natureza mas recolhe dela elementos que torna seus.

Os «fauves» vão procurar a constru-

«... si le poète, par son savoir, peut se sentir capable et libre de composer, de lier ensemble oui et non, s'il lui plait selon son bon vouloir, de même, le peintre se sent libre et en puissance d'établir une figure debout, assise, moitié homme, moitié cheval, s'il lui plait, sous l'impulsion de sa fantaisie (Cennino Cernini; fins do século XIV)

ção do espaço pela côr, as superfícies planas sem modelação, e uma grande simplificação de meios. A forma é a resultante da concepção cromática, e a côr empregada como meio de expressão, será um dos princípios em que se apoiará a arte abstracta.

Através de um colorido violento procuram um choque de sensações, disciplinadas pela economia dos meios.

Procuram unicamente o que é essencial à sua pintura e regeitam o supérfluo.

Sobre Maurice Vlaminck, que morreu há dias, todos são unânimes em afirmar que foi um dos «fauves» mais representativos.

Ora Vlaminck afirmou:

«Le fauvisme n'était pas une invention, une attitude, mais une façon d'être, d'agir, de penser, d'esperer».

Tendo Maurice Vlaminck um carácter extremamente indisciplinado, e uma

necessidade quase física de movimento, encontra na côr pura e vibrante, liberta de uma relação figurativa e numa ausência de construção, a sua expressão pessoal.

Em Chatou, o pintor conhece Derain com quem partilha o seu atelier, o qual viria a chamar-se «L'École de Chatou», enquanto paralelamente dois outros grupos, um dos quais presidido por Matisse lançava-se em experiências semelhantes e igualmente revolucionárias.

Em 1901, por ocasião da exposição retrospectiva de Van Gogh, Vlaminck é muito influenciado pela obra desse artista e entra em contacto com o grupo de Matisse, por sua vez sob influência dos princípios estruturais de Cezanne.

Em 1905 surge a 1.ª exposição colectiva — que provocou escândalo — e o crítico Louis Vauxcelles, ao denominar de «fauves» aquele grupo de artistas, involuntariamente deu origem à designação que caracterizaria esse género de pintura.

No entanto, Vlaminck sente que o exclusivo emprego das côres puras não era suficiente para atingir aquela intensidade de expressão que desejava e, sob a influência de Cezanne, vai procurar dar uma construção mais sólida à sua pintura.

Porém, cedo se insurge contra a excessiva construção do cubismo nascente, e mantendo-se fiel à sua atitude de «fauve», temperou-a com tendências de expressionismo e mais tarde de realismo.

O seu carácter pouco sociável e a sua fúria pictórica, levaram-no a isolar-se em Rueil-la-Gardelière, onde longe de



VLAMINCK — As árvores vermelhas, 1906

todas as influências dos «ismos» posteriores e em contacto com a natureza, a sua pintura atingiu uma nova expressão, desconhecida até há pouco.

Paisagens — a mesma paisagem de sempre — tempestuosas, sombrias e violentas.

E um testamento. Um testamento onde a sua sensibilidade lírica transparece.

«Je lègue aux jeunes peintres toutes les fleurs des champs, les bords des ruisseaux, les nuages blancs et noirs qui passent audessus des plaines, les rivières, les bois et les grands arbres, les coteaux, la route, les petits villages que l'hiver couvre de neige, toutes les prairies avec leur magnifique floraison et aussi les oiseaux et les papillons...»

Emilia Nadal



autor de um
romance

Pasternak

e o seu romance

«Dr. Jivago»

Boris Pasternak nasceu em Moscovo em 29 de Janeiro de 1890. Seu pai era pintor e a mãe pianista. Depois de ter estudado filosofia em Moscovo e Marburgo (Alemanha) onde, sob a influência de Cohen, entrou em contacto com a tendência neokantiana e neohegeliana, fez parte de um grupo de futuristas moscovitas. Na revista destes, a «Centrifuga» publicou as suas primeiras poesias (1913). Ao primeiro volume de versos «O gémeo nas nuvens» (1914) seguiram-se outros: «Para além das Barreiras» (1917), «A minha irmã a Vida» (1922), «Temas e variações» (1923), «Dois livros» (1927), «O segundo nascimento» (1933). Em 1926, publicou o poema «Spektorskif» e em 1927 «O ano de 1905» em que se insere o famoso episódio do tenente Smidt. Este e muitos outros poemas de Pasternak estão agora incluídos no volume «Poesia» preparado, traduzido e anotado por Angelo Maria Ripellino, em 1957. Entre as obras de prosa distinguem-se especialmente «A infância de Luwers» (1925) e o «Salvo Conduto» (1931). Ultimamente Pasternak dedicava-se sobretudo a traduções e talvez deva a essa sua atitude de prudência o facto de hoje ser contado no número dos vivos.

Em Abril de 1954, a revista literária soviética «Lnamia» apresentou ao público uma dezena de poemas extraídos do último romance, então inédito, de Boris Leonidovic Pasternak. Como nota, anunciava o breve aparecimento, na U.R.S.S., da obra em que as poesias apresentadas se integravam. No entanto, as críticas oficiais atacaram estas fortemente e exposto às acusações de subjectivismo e espírito decadente, Pasternak não foi autorizado a publicar o seu romance.

Em fins de 1957, no entanto, Feltrinelli, um editor italiano, por sinal marxista, resolveu apresentar em versão italiana a obra de Pasternak interdita na U.R.S.S.

Uma justificada curiosidade levou a imprensa a interessar-se pela obra. Sobretudo a imprensa católica tinha razões para sobre ela se debruçar, porque, logo à primeira leitura, esse romance nascido além da «cortina de ferro», revelava uma profunda atmosfera religiosa e uma corajosa mensagem de Esperança.

O herói do romance, o Dr. Jivago, médico e pensador, assiste aos acontecimentos que sacudiram a Rússia desde 1903 a 1929 — portanto desde o prepa-



rar até ao consolidar da Revolução. O Dr. Jivago assiste mais do que participa a esses acontecimentos. A princípio aderira; mas depois desenganara-se. A atitude crítica é a que o vemos tomar durante todo o romance.

Conversando com os seus amigos Durdorov e Gordon, comentando as palavras de Liverif Averkievic e de Sima, criticando a concepção da vida, da felicidade e do indivíduo que o regime comunista pretende impor, exprimindo opiniões sobre a guerra, sobre a arte e tantos outros temas, o Dr. Jivago tece, ao longo de todo o livro, uma teia mais ou menos completa de concepções e perspectivas através da qual Pasternak revela muito da sua atitude interior perante os grandes problemas do homem.

«O pressentimento da liberdade»

A guerra é para ele «uma tormenta purificadora, uma corrente de ar fresco, um presságio de Salvação» comparada com os campos de punição e com a vida colectivizada em que se procura desabituatar o homem de formular juízos e se pretende demonstrar-lhe o contrário da evidência. «Quando começou a guerra, os seus horrores reais, o perigo real e a ameaça de uma morte real foram um bem em comparação com o domínio desumano da abstracção e trouxeram um alívio, pondo um limite à força diabólica da letra morta» (Dr. Jivago pp. 657-660).

Acabada a guerra, «o desanuviamento e a liberdade que se esperavam não vieram de mãos dadas com a vitória. Mas o pressentimento da liberdade andava no ar nos anos do após-guerra e constituía então o único conteúdo histórico» (p. 674).

«Para conseguir superar a morte»

Para Pasternak nesta sua última obra a história aparece como tendo um sen-

tido constante — e esse é o da superação da morte. Assim, diz Nikolaj Nikolaevic: «Mas o que é a história, afinal? É um dar princípio a trabalhos seculares para se conseguir a pouco e pouco, resolver o mistério da morte e vir a superá-lo no futuro. Por isso se descobriram o infinito matemático e as ondas electromagnéticas, por isso se escreveram sinfonias. Mas não se pode progredir em tal direcção sem um certo impulso. Para descobertas deste género, é preciso uma certa «aparelhagem» espiritual e, neste sentido, todos os dados estão no Evangelho. Ei-los: Em primeiro lugar, o amor pelo próximo... Depois, as razões essenciais do homem de hoje sem as quais ele não é pensável e estas são o ideal da livre individualidade e da vida concebida como sacrifício».

A concepção que o mundo actual tem da história é toda ela influenciada pelo cristianismo. Distinguindo a posição do homem antes de Cristo da posição da-quele que existe depois de Cristo, continua a dizer Nikolaj Nikolaevic.

«Só depois de Cristo os séculos e as gerações respiram livremente. Só depois d'Ele começou a vida na posteridade e o homem já não morre no caminho aos pés da muralha, mas na sua casa, na história, no cume de uma actividade dispensada para superar a morte...»

«A alma de cada representação»

Perante a vida, a atitude de Pasternak não é de um individualismo egoísta; pelo contrário, é uma afirmação profunda do sentido místico e social que tem a comparticipação do indivíduo nas vidas que o rodeiam. Como o Dr. Jivago, ele compreendeu «que só a vida semelhante à vida dos que nos circundam, a vida que se imerge na vida sem deixar sinal é verdadeira vida, que a felicidade solitária não é verdadeira felicidade». (p. 228).



Também a sua concepção da arte é informada por aquele profundo sentido da comparticipação que, no cristianismo, é elevado ao seu máximo valor no mistério da Comunhão dos Santos na terra, no mistério da comunidade dos Bem Aventurados na vida eterna, e no mistério Trinitário de Deus. A concepção pasternakiana de Arte, profundamente oposta ao conceito socialista da concepção «oficial» da arte no mundo soviético, supera a atenção aos valores individuais com a atenção à verdade supra-individual a que a verdadeira obra de arte deve corresponder.

Quando sob a influência da inspiração artística o Dr. Jivago sentia que não era ele a realizar o trabalho essencial, mas que qualquer coisa maior do que ele, algo acima dele o guiava, entende que é ridículo querer ditar leis à arte.

«É uma velha ideia minha que a arte não é uma definição duma categoria ou de um sector que compreende uma infinidade de conceitos e fenómenos derivados, mas, pelo contrario, qualquer coisa de restricto e concentrado, a designação do principio que entra na composição da obra (...) As obras de arte falam de tantos modos (...) Mas falam sobretudo pela presença da arte.

(...) É uma espécie de ideia, de afirmação de vida que, pela sua limitada amplitude não se pode definir em simples palavras; mas, quando uma pequena migalha desta força entra na composição do mais complexo organismo, a arte supera de per-si o significado de todo o resto e revela o fundamento essencial, a alma de cada representação» (pág. 369).

«Dias maus»

Amando profundamente o seu país, Pasternak através da figura do Dr. Jivago, observa as evoluções que a Rússia tem sofrido e condena a concepção da vida que o regime impõe.

A Rússia está sob o cativeiro. No entanto, para Pasternak, e aqui está o aspecto mais belo do seu último livro, embora parecendo ter sossobrado, a Rússia aparece como em vésperas de uma ressurreição.

Actualmente o erro vigora.

«Sobre a terra russa desceu a Não-Verdade. O pior mal, a raiz do mal futuro foi a perda da confiança no valor da própria opinião. Julgou-se que tivesse passado o tempo em que se seguiam as sugestões do senso moral e que se precisasse de cantar em coro e viver de conceitos absoletos impostos do alto» (pág. 527).

O pressentimento de que se aproxima uma época nova e a segurança com que se prevê o final do dominio férreo do regime actual, irritam especialmente os comunistas.

«No alto preparam-se grandes mudanças (...) Projecta-se uma concessão à legalidade normal e a coisa há-de vir muito em breve. Mas, justamente por causa disso, os organismos repressivos que estão para ser abolidos acender-se-ão muito mais no seu furor na hora da sua agonia e hão-de querer saldar rapidamente as contas locais» (págs. 548-549).

O destemido reconhecer da situação profundamente errada em que se encontra o país seria, já por si, um valor inestimável neste livro escrito do outro lado da cortina. E, no entanto, ele tem ainda o valor mais raro de superar a consciência do erro doloroso pela esperança numa ressurreição. Comparada no seu sofrimento à pessoa de Cristo na sua Paixão e Morte, a Rússia vista por Pasternak ressuscitará, como ele, após o vazio dos dias que seguirão ao levantar da cruz.

«A Rússia está atravessando «dias maus» como Jesus «na última semana, em Jerusalém» (pág. 704). Mas como Madalena a Rússia repete:

«Amanhã rasgar-se-á o véu do tem-



plo (...) Sobre as nossas cabeças levantar-se-á, em direcção ao céu, esta cruz (...) Passarão três dias tais que lançarão os homens num tal vazio que, nesse terrível lapso de tempo o mundo se tornará maduro para a Ressurreição» (págs. 707-708).

A abundância do elemento religioso

A abundância do elemento religioso nesta última obra de Pasternak, não nos autoriza, de per si, a proclamar a sua fé em Deus e no sobrenatural. Por vezes seremos tentados a fazê-lo como quando fala de Nossa Senhora ou põe em poesia episódios do Evangelho ou demonstra grande competência ao falar da Sagrada Escritura, das cerimónias e das festas litúrgicas.

Outras vezes, negá-lo-emos, como quando nos apresenta um Jesus «principalmente humano», um cristianismo compreendido de modo novo ou quando, em-

bora condenando o amor livre, aceita a desordem moral do Dr. Jivago.

Por outro lado, é preciso pensar que Pasternak é um poeta, um pensador, um russo, e além do mais constringido a viver sob um regime comunista ateu. Seja como for, o Dr. Jivago está completamente fora da «Weltanschauung» do materialismo dialéctico e histórico.

E a verdade é que Pasternak, ao receber no princípio deste ano na sua casa de campo dos arredores de Moscovo um correspondente do jornal alemão «Die Zeit», além de dizer que a Bíblia era o seu livro de cabeceira, declarou formalmente «Eu não sou comunista e não creio no materialismo dialéctico. Eu creio em Deus. Os séculos são degraus para os passos de Deus».

(Tradução e adaptação de «La Civiltà Católica», de 18 de Janeiro de 1958 e «Informations Catholiques Internationales», de 15 de Fevereiro de 1958 por Natália Fernandes).

Fundação Cuidar o Futuro

la bible et la croissance dans la vie chrétienne

(Continuação da página 17)

et de force! Trouver cette perle précieuse de l'amour de la Bible, c'est marcher plus allègrement dans la vie, c'est «cheminer en mettant sa main dans la main du Seigneur», c'est connaître et croire à Son amour et y répondre en y conformant sa vie... c'est croire dans la vie chrétienne.

Quand St Paul écrit à ses chrétiens,

il ne cesse de leur exprimer sous différentes formes, son souhait, sa prière: «qu'ils s'acheminent vers la vraie connaissance tout en se renouvelant à l'image de leur Créateur.» «qu'ils grandissent dans la connaissance de Dieu afin d'arriver à mener une vie de Lui.»

«Heureux ceux qui écoutent la Parole de Dieu et qui la gardent.»



na hora do ensino técnico

Inauguram-se, no próximo dia 13, o primeiro Congresso Nacional e a Exposição do Ensino Técnico.

Dez anos após a publicação do diploma legal que estruturou em bases novas o ensino técnico, secundário e médio, no nosso país, vão os responsáveis por esse ramo da Educação Nacional fazer um balanço retrospectivo e procurar definir posições perante um futuro que se antolha difícil e grande.

«A Exposição destina-se a mostrar ao País o que nas escolas se faz e como se faz. O Congresso deverá definir os caminhos por onde seja possível fazer *mais e melhor.*»

Estamos, com efeito, a viver a *Hora do Ensino Técnico.*

A criação de novos estabelecimentos de ensino e a ampliação de outros, o cuidado que vem merecendo, ano após ano, o apetrechamento das novas escolas industriais, agrícolas e comerciais e a afluência cada vez maior de alunos de ambos os sexos justificam aquela afirmação.

Mas esta *Hora do Ensino Técnico* não é apenas —nem principalmente— a hora alta de entusiasmo pelo caminho percorrido nem o reajustamento e revisão de progressos pedagógicos e didáticos, em ordem à maior eficiência do ensino

e da educação. Ela é essencialmente a hora da consciencialização dos *grandes problemas* que, mesmo à margem da agenda do Congresso, preocupam os espíritos que sobre eles se debruçam.

— É o problema da educação de base dos portugueses, o prolongamento da escolaridade obrigatória e a fusão dos primeiros ciclos, liceal e técnico.

— É o problema gravíssimo, de uma acuidade tremenda, da preparação de mão de obra especializada que, apesar do incremento dado, ano após ano, ao ensino técnico, está muito longe de corresponder às necessidades do país.

— É o problema da maleabilidade ou elasticidade da preparação da população rural, que tão dificilmente se desloca, em épocas de crise, para a indústria e para as actividades terciárias.

— É ainda o problema da mentalidade tecnófoba de muitas famílias portuguesas que vêem no Ensino Técnico uma instrução inferior, no meio das escolas industriais e comerciais um ambiente pouco requintado e encaram o trabalho de aplicação numa atitude mental que se diria um reflexo, a 25 séculos de distância, do espírito anti-artesanal do tempo de Platão.

Servido por uma Pedagogia e uma Didáctica das mais evoluídas no País, o

Ensino Técnico debate-se ainda com o problema fundamental do equilíbrio entre a preparação técnica e a cultura humanística, um dos problemas de fundo do Congresso.

Com efeito, não basta afirmar que, a par da mais cuidada preparação técnica, é mister fornecer aos futuros trabalhadores uma cultura humanística que faça deles, totalmente, integralmente, HOMENS. É preciso estabelecer as articulações curriculares e para-curriculares dessas duas orientações. E ainda, como cursos que entroncam imediatamente na profissão, os cursos técnicos apresentam aspectos deontológicos que se não põem nos cursos liceais, porque marcadamente pré-universitários.

Estes, os problemas do ensino técnico que se nos afiguram mais salientes e de cuja solução depende, em larga escala, o futuro de grande numero de portugueses.

.....

E nós, Mulheres universitárias, chamadas a preencher os quadros das escolas técnicas, temos nesse sector do ensino uma acção educativa, criadora da nova mentalidade que deve informar os portugueses de hoje e de amanhã, cônscios dos seus deveres cívicos, desejosos de servir, técnicos eficientes, mas e acima de tudo HOMENS e MULHERES integrais.

ESTELA FRANCO

*(Professora-estagiária da
Escola Comercial Veiga Beirão)*

POETA E PROFESSOR

(Excertos de Sebastião da Gama — Diário)

O poeta beija tudo, graças a Deus... e aprende com as coisas a sua lição de sinceridade... E diz assim: «É preciso saber olhar...» E pode ser, em qualquer idade, ingénuo como as crianças, entusiasta como os adolescentes e profundo como os homens feitos... E levanta uma pedra escura e áspera para mostrar uma flor que está por detrás... E perde tempo (ganha tempo...) a namorar uma ovelha... E comove-se com coisas de nada: um pássaro que canta, uma mulher bonita que passou, uma menina que lhe sorriu, um pai que olhou desvanecido para o filho pequenino, um bocadinho de Sol depois de um dia chuvoso... E acha que tudo é importante... E pega no braço dos homens que estavam tristes e vai passear com eles para o jardim... E reparou que os homens estavam tristes... E escreveu uns versos que começam desta maneira: «O segredo é amar...». (pg. 81)

«Depois distribuí os exercícios, levando cada um a emendar o que fizera. Assim é o próprio aluno que se corrige, dá-se-lhe até a probabilidade de interpretar o seu erro como uma distração. Ao Hélder entreguei o ponto, a seu pedido, sem comentário: O Hélder escreve muito mal e eu disse-lho na rua, não para o censurar, mas para o obrigar a fazer o que sempre lhe tenho pedido: que trabalhe, que trabalhe, que trabalhe, a ver se chega a escrever correctamente. Ora o pudor do Hélder em ser esclarecido perante os companheiros ensina como devo e quando não devo corrigir.

Tudo queria saber as notas e apetecia-me dizê-las. Mas os fraquinhos? Dizia então: «Fulano, bom. Sicrano, um bocadinho melhor. Beltrano, justamente igual a Sicrano». Fez-se assim uma animação que por momentos (só por momentos!) adormentou a ansiedade de saber as notas. Com o Salgado é que não soube resistir. Tinha catorze e meio e é o pior aluno de Francês, além de ser impressionantemente pobrezinho. Quis dar-lhe aquela compensação». (pg. 108)





a imprensa e a morte de Pio XII

A morte de Pio XII e a eleição do seu sucessor, João XXIII, tiveram extraordinário relevo nas crônicas noticiosas e artigos de circunstância da Imprensa mundial. Através dessa informação insistente que, sem comando de bastidores, vinha ao encontro da opinião pública, todo o mundo seguiu com ansiedade, nos seus pormenores, o andamento da doença do Papa defunto ou as comovidas homenagens com que a Igreja acompanhou, ao túmulo da cripta de S. Pedro, os restos mortais duma das maiores figuras do nosso tempo.

Depois, foi a expectativa da reunião do Conclave, em ordem à eleição do novo Pontífice. Através da rádio-difusão, pureza e exatidão e o saejar das multidões curiosas da praça de Bernini, olhos ávidos e inquietos, na cor da *sfumata* da Capela Sixtina, indicativa dos sucessivos escrutínios, como se nas asas do fumo para o céu transparente, adentrasse uma esperança decisiva para o futuro do mundo.

Esta ânsia traduziam-na, quase hora a hora, os comunicados da Imprensa dos mais variados matizes, não só religiosos mas político-sociais das cinco partes da terra.

Quem revê, agora, os relatos e comentários destes dois últimos meses de Outubro e Novembro, não pode furtar-se, a algumas reflexões.

A primeira é a da *viva simpatia* com que o jornalismo internacional, não comunista, a bem dizer unânime, se fez eco dos acontecimentos. Ela aureolou a personalidade, inquestionavelmente aliciante e imponente, de Pio XII, de esplendores de admiração e respeito como nunca, talvez, na história sacra e profana do último século, o que constituiu um sintoma espiritual, digno de registro.

O mundo, afinal, pôde precatar-se do que, apesar de tudo, ainda significa para ele, o mais alto mantenedor dos valores sobrenaturais e até, simplesmente humanos, qual é o Chefe da Cristandade, sobretudo em tempos tão desvaierados de ideologias e acorrentados a interesses materiais ou parcialidades políticas, tão encontrados, como são os nossos.

Pio XII, pregador incansável da Paz e mestre incomparável de verdade para todos os sectores sociais, para todas as formas de actividade humana, para toda a problemática enfim, que prende o espírito à vida, teve sempre, do primeiro ao último momento do seu pontificado, uma palavra clara, decisiva e oportuna. A Imprensa não deixou de o registrar. Irradiando, periódicamente, em toda a rosa dos ventos, a palavra do Papa, conseguiu, admiravelmente, a sua mais nobre função.

João XXIII, com a sua paternal bondade e acolhedora simplicidade, aliados a uma vivacidade, dinamismo, que a idade não parece comprometer, chega no momento preciso, para atender a alguns aspectos administrativos internos da Igreja.

As intervenções imediatas, já levadas a efeito, após a sua eleição, prognosticam outras, de mais vasto alcance, para os tempos, de acção eficaz, em que vivemos.

A imprensa, também, não se fez eco, com benévolo sobressalto, dando, assim, provas de um sentido de compreensão, que muito a honra também.

Há, todavia, outros aspectos que, a universitários e intelectuais, devem merecer reparo, para não nos deslumbrarmos, excessivamente, com estes sintomas salutaros do *Quarto Poder* na vida moderna.

Antes de mais, merece reservas, a excessiva indulgência com que, em alguns casos, o jornalismo cedeu à tentação do sensacional, nomeadamente no lamentável incidente da divulgação de informações, feita pelo médico assistente do Papa defunto — Galeazzi-Lisi — que, insensatamente, trouxe para público, se não com intenções de especulação comercial, pelo menos com leviandade, imprópria do cargo de confiança exercido e do respeito devido à alta condição de um moribundo, fotografias subrepticamente feitas — segundo se disse — e sem nenhum interesse clínico especial para o bem comum que se não justificasse, poderia, acaso, explicar uma publicidade discreta.



O segundo reparo, toca ao relato, em certos aspectos, absolutamente fantástico, do conclave e evolução dos seus sucessivos escrutínios, com supostos compromissos de facções e aspectos determinantes do voto dos eleitores.

A falta de dados objectivos, num acto rigorosamente secreto e revestido das mais graves sanções canónicas para os infractores, por qualquer forma que o façam quer directa quer indirecta, em tudo o que respeita à eleição do Chefe da Igreja, transpôs-se para a Capela Sixtina, ou suas imediações, o espirito de partido ou de club que, hoje, divide o mundo politico-social, com direitas, esquerdas e centros ou preocupações aristocráticas, democráticas, burguesas, populares mais ou menos conservadoras ou progressistas, oligárquicas ou colectivistas.

Que isto se fizesse num clima de realidades comprovadas, explicar-se-ia: era direito do historiador ou cronista contemporâneo, a quem incumbiria registá-las. Que, à margem de dados objectivos, a interpretação procedesse de palpites sem fundamento ou, numa impropriedade de termos clamorosa, em que as preocupações temporais do mundo profano se confundiam com as espirituais do mundo eclesiástico, precisamente num momento histórico em que, por fortuna, as mais altas figuras da Igreja as discriminaram tão exageradamente, foi de lamentar.

Com razão, pois, o Santo Padre João XXIII, após a coroação, ao receber, na manhã de 6 de Novembro, os jornalistas, enviados a Roma, ao mesmo tempo que, nessa primeira audiência à Imprensa, agradecia o interesse demonstrado por eles no seguimento dos trabalhos do Conclave, comentava com bonomia e humor crítico: «Leio, frequentemente, os jornais, não para sentir o amor-próprio lisonjeado, mas apenas para tomar conhecimento do que se escreve — especialmente do que se escreve, revelando os segredos do Conclave! Embora não houvesse dois pontos de acordo com a verdade, podia ver-se que os esforços dispendidos para informar o público vinham do coração. O esforço jorna-

listico foi admirável; mas o silêncio teria sido melhor»!!

A conclusão a tirar, pelos jovens universitários e diplomados de hoje, é dúplice. A primeira, trabalhar por uma Imprensa cada vez mais objectiva na informação, justa nas afirmações e serena nos juízos críticos; já que ela muitas vezes, não se limita a reflectir, mas cria e orienta, a seu sabor, a opinião pública. E nada, por certo, tão trágico, nas suas consequências, como uma opinião mal formada ou desnorteada.

A segunda é saber utilizar, com mentalidade crítica, ponderada, o noticiário da imprensa periódica, diária, semanal, ou mensal. Não se contesta que, em seu afã informativo, ela seja, por vezes, heróica — e João XXIII prestou-lhe, nisso, a devida homenagem. Mas sacrifica, não raro, a verdade à novidade, desfocando, embora, as ideias e os factos, as pessoas e as instituições, não intencionalmente — o que seria perverso — mas por transigência com o sobressalto das multidões ou por deficiência de formação profissional, já que nem todos podemos saber tudo.

O povo rude toma, facilmente, como dogma de fé, quanto aparece em letra de forma. Na mesa espiritual da cultura, o universitário e o diplomado não podem sujeitar-se a ditosa, sofregamente, tudo o que se lhes serve.

A saúde mental obriga-nos a um esforço mandibular — passe o gongorismo — da inteligência. É preciso *mastigar*, quer dizer, *repensar*, *apurando*, reflectindo e comparando por nós, em termos objectivos de assimilação humana, o que lemos, sobretudo quando podemos verificar, mesmo à margem de interesses ou intenções menos nobres, as condições precárias, em que se escreve.

«A verdade é sagrada», disse João XXIII citando Manzoni. Atraiçoa-la, para os outros como para nós, seria um crime. O mais alto destino do intelectual cristão é ser apóstolo fiel e integral da verdade!

P.^e Domingos Maurício Gomes dos Santos

Explicação necessária

No ano passado, Presença teve uma vida um pouco irregular e acabou por sair 4 números, quando deveriam sair 5. Isto deu origem a que algumas universitárias nos dirigissem a pedir os números da Presença em atraso.

Lamentamos estas deficiências, mas também intimamente nos alegramos, porque houve, afinal, ocasião de colher a prova de que a Presença não passa despercebida no meio universitário, como, às vezes, se pensa.

No ano, que agora começa, queremos que Presença não só se publique com maior regularidade como seja mais rica e mais actual e, deste modo, caminhe no sentido de se tornar naquilo que todas nós desejamos: *uma presença viva na Universidade*.

Esta tarefa não é exclusiva da redacção, mas carece de ajuda de todas as universitárias (sugestões, colaboração, publicidade, etc.). Quem quer colaborar?

Nos próximos números, poder-se-ão encontrar:

- teses sobre a vocação e missão da Mulher
- experiências sociais
- a posição católica sobre alguns problemas do nosso tempo (o evolucionismo, a unidade das Igrejas, o internacionalismo, a liberdade de pensamento, etc.)
- crítica de autores que vale a pena ler
- temas de arte
- temas da actualidade

Fundação Cuidar o Futuro



Fundação Cuidar o Futuro

D'Eve à Marie (*Le destin de la femme*) L'anneau d'or, número especial de 1954 (Maio-Agosto)

Ainda que se trate de um número de revista, é uma obra notável quer pela unidade e equilíbrio do conjunto quer pelo valor individual de quase todos os artigos. Toda a revista tem uma ideia central: a mulher na Igreja. Esta ideia é desenvolvida, por um lado, através de um estudo teológico sobre a figura de Eva, de Maria e da Igreja; por outro, a partir do papel e do sentido que a Igreja confere à mulher na cerimónia do casamento e na consagração das virgens. Revelando, a par da profundidade com que os vários temas são tratados, nítida preocupação literária, a revista em referência contém ainda excertos de obras que abordam o tema da vocação de mulher, alguns magníficos.

Les Enseignements Pontificaux — *Le problème féminin*, Desclée, 1955 (2.^a ed.)

Na presente obra, reúnem-se todos os discursos, mensagens, alocuções, etc. dos Santos Padres, que se referem à personalidade da mulher na Igreja e à sua missão no mundo; nele se procura não tanto a elaboração de uma teologia da mulher mas a definição do seu enquadramento social. O quadro lógico, organizado pelos compiladores está particularmente bem elaborado constituindo um precioso guia no estudo acerca da presença da mulher no mundo.



STEIN, Edith — *La femme et sa destinée* Aralot — Dumont, Paris, 1956

A A. apresenta em termos fenomenológicos a essência de feminilidade, podendo afirmar-se que do ponto de vista filosófico é a obra mais profunda que sobre o assunto se produziu. Também o estudo teológico sobre a mulher que a A. baseia nos textos bíblicos (especialmente no Génesis) é do maior alcance e o primeiro trabalho que, neste domínio, desenvolve o simbolismo que acompanha as narrações da criação do homem. No domínio das implicações concretas, o livro contém dois capítulos magníficos: um, sobre o fim da instrução e os métodos de educação das raparigas; um outro intitulado a ética das profissões femininas onde esta questão se debate com profundidade original.

SIRKEL, Eva — *Woman in the modern world*, Burns and Oates, 1956

Enquadrado numa perspectiva de conjunto segundo a linha mais pura da teologia da mulher, todo o livro se centra na sua natureza e no seu comportamento psico-somático. Deste estudo, podem extrair-se conclusões sobre a essência da feminilidade com muito interesse. Por outro lado, o livro ultrapassa o quadro descritivo para chegar à definição de uma vida moralmente sã e perfeitamente desabrochada nas diferentes etapas da vida e nas grandes vocações: casamento e consagração a Deus. O facto de se enraizar no real dá-lhe um cunho particular que o torna um elemento indispensável no estudo da mulher.

D'Eve à Marie (**Le destin de la femme**) L'anneau d'or, número especial de 1954 (Maio-Agosto)

Ainda que se trate de um número de revista, é uma obra notável quer pela unidade e equilíbrio do conjunto quer pelo valor individual de quase todos os artigos. Toda a revista tem uma ideia central: a mulher na Igreja. Esta ideia é desenvolvida, por um lado, através de um estudo teológico sobre a figura de Eva, de Maria e da Igreja; por outro, a partir do papel e do sentido que a Igreja confere à mulher na cerimónia do casamento e na consagração das virgens. Revelando, a par da profundidade com que os vários temas são tratados, nítida preocupação literária, a revista em referência contém ainda excertos de obras que abordam o tema da vocação de mulher, alguns magníficos.

Les Enseignements Pontificaux — **Le problème féminin**, Desclée, 1955 (2.^a ed.)

Na presente obra, reúnem-se todos os discursos, mensagens, alocuções, etc. dos Santos Padres, que se referem à personalidade da mulher na Igreja e à sua missão no mundo; nele se procura não tanto a elaboração de uma teologia da mulher mas a definição do seu enquadramento social. O quadro lógico, organizado pelos compiladores está particularmente bem elaborado constituindo um precioso guia no estudo acerca da presença da mulher no mundo.



STEIN, Edith — **La femme et sa destinée Amiot** — Dumont, Paris, 1956

A A. apresenta em termos fenomenológicos a essência de feminilidade, podendo afirmar-se que do ponto de vista filosófico é a obra mais profunda que sobre o assunto se produziu. Também o estudo teológico sobre a mulher que a A. baseia nos textos bíblicos (especialmente no Génesis) é do maior alcance e o primeiro trabalho que, neste domínio, desenvolve o simbolismo que acompanha as narrações da criação do homem. No domínio das implicações concretas, o livro contém dois capítulos magníficos: um, sobre o fim da instrução e os métodos de educação das raparigas; um outro intitulado a ética das profissões femininas onde esta questão se debate com profundidade original.

FIRKEL, Eva — **Woman in the modern world**, Burns and Oates, 1956

Enquadrado numa perspectiva de conjunto segundo a linha mais pura da teologia da mulher, todo o livro se centra na sua natureza e no seu comportamento psico-somático. Deste estudo, podem extrair-se conclusões sobre a essência da feminilidade com muito interesse. Por outro lado, o livro ultrapassa o quadro descritivo para chegar à definição de uma vida moralmente sã e perfeitamente desabrochada nas diferentes etapas da vida e nas grandes vocações: casamento e consagração a Deus. O facto de se enraizar no real dá-lhe um cunho particular que o torna um elemento indispensável no estudo da mulher.

«Tudo frutificou: o campo estava aberto, deu conchego e a raiz a todas as sementes» estas são as palavras do poeta sobre o significado do seu último livro. Desse momento em diante todo o seu ser estava apto a vibrar de uma forma integral perante qualquer sugestão de beleza — um menino que chora, um outro que começa a andar; uma imagem de Cristo ou um conto de fadas; o comboio em que vai ou, simplesmente, a noite — a cada instante a alma de S. da G. encontra motivo para se abrir numa poesia. A companheira, humaníssima imagem de um amor que foi fixado em versos maravilhosos, dedicou o poeta grande parte das composições deste livro. O ritmo tem agora mais cadência, mais harmonia, mais segurança. É a simplicidade das trevas suscita a simplicidade das formas. Surgem as baladas, as cantigas de amigo. *Tenho um lenço cheio / de cantigas tristes, / desde que, meus olhos, / de aqui vos partistes.* O livro termina por uma magnífica prece que constitui uma fuga à oração — pedido e um total abandono da alma no seio da Virgem — a Senhora da Lapa — *Em tuas mãos me entrego como se ao mar me desse.* (Maria Helena Mateus).

É de 1945, sete anos antes da sua morte, este primeiro livro de Sebastião da Gama. Nesse curto espaço de tempo está encerrada toda a obra de um dos poetas mais espontaneamente religiosos da nossa literatura. Três livros editados em vida — *Serra-Mãe*, *Cabo da Boa Esperança* e *Campo Aberto* — um livro de poemas póstumo — *Pelo Sonho é que vamos* — e um volume do *Diário*, também póstumo. Em toda a sua poesia vibra uma simplicidade de espírito que o abre para a beleza das pequenas coisas e por ventura o aproxima de S. Francisco de Assis. É também frequente uma atitude de total abandono em Deus. *Hoje, cá dentro, houve festa .../...../ foi somente porque a graça / desceu hoje a visitar-me.* Serra-Mãe está dividida em seis livros. Entre as poesias que constituem cada um existe identidade de temas. Assim encontramos por vezes composições que nos revelam, nítidas, influências dos grandes mestres de S. da G. — Régio, Torga, António Nobre (aquele cuja influência parece ter perdurado por mais tempo, de uma forma evidente, na sua poesia) e mesmo Sá-Carneiro e Florbela. Outras são essencial e declaradamente místicas como as que compõem o livro, intitulado *Jesus*. Outras ainda têm carácter incidental (*Os Apontamentos*) e representam talvez a feição mais pessoal e mais vincada da poesia de S. da Gama, aquela que se iria continuar embora evoluída, nas obras posteriores. (Maria Helena Mateus).



GAMA, Sebastião da, *Diário*, Prefácio de Hernani Cidade, ed. Ática, 1958, págs. 315.

«Tens muito que fazer? Não, tenho muito que amar». É este o admirável pórtico do livro de S. da G. recentemente editado, o seu único livro de prosa e seu livro póstumo. *Diário* de um professor, ele é, ao mesmo tempo, o *Diário* de um poeta. Aliás, em S. da G., o Poeta e o Professor confundem-se: são como que duas dimensões de uma mesma personalidade. Estagiário do Ensino Técnico na Escola Veiga Beirão, o professor-poeta consagra-se ao magistério com tal ardor e generosidade que define assim o seu «drama»: «A mim só me interessa ser bom professor». Para S. da G., o bom professor é essencialmente pedacentrista e camarada. «Não sou junto de vós, mais do que um camarada um bocadinho mais velho. Sei coisas que vocês não sabem, do mesmo modo que vocês sabem coisas que eu não sei ou já esqueci. Estou aqui para ensinar umas e aprender outras. Ensinar, não: falar delas». Escrito em 1948, o livro é, ao mesmo tempo, o testemunho dos primeiros passos da nova Didáctica que tão profundamente viria revolucionar o E. T. Primeiro desconcertante depois concludente nos seus conceitos de didáctica do Português, disciplina e centros de interesse, poético e espiritual, eis um livro a ler e a meditar, principalmente por professores. (E. F..)

T. S. ELIOT, *The Cocktail Party*, Faber & Faber, 1954

No poeta denso, por vezes até obscuro, que é T. S. Eliot causa estranheza a atmosfera de trivialidade em que se passa uma peça como «*The Cocktail Party*». Por trás dessa atmosfera e das situações vulgares em que as personagens nos aparecem envolvidas, esconde-se, porém, um dos mais profundos estudos do A. sobre o grau de consciencialização com que os homens do nosso tempo assumem as suas responsabilidades perante a vida. De um primeiro estado de conformação passiva com o estabelecido (não dado a conhecer em cena), as personagens são, através de diversas experiências, despertadas para uma revisão de valores até então aceites como indiscutíveis. Sofrem, assim, um processo de auto-conhecimento que as conduz, progressivamente, à interpretação dos termos de uma alternativa, perante a qual vêm a definir-se. A opção que fazem — busca de um absoluto desconhecido ou acomodação, agora consciente, à vulgaridade — pode ser considerada como o fulcro para o qual toda a acção converge. Do ponto de vista formal esta peça representa uma das realizações mais notáveis de T. S. Eliot no sentido da criação de um drama poético plenamente moderno, em que o verso nos deixa a impressão da linguagem falada de todos os dias. (T. S. C.).